



## OS BATISTAS REGULARES E AS ARMADILHAS HISTÓRICAS DO ILUMINISMO: SINOPSE DE DISSERTAÇÃO<sup>1</sup>

THE REGULAR BAPTIST AND HISTORICAL ESNARES OF ILLUMINISM

Francisco Jean Carlos da Silva<sup>2</sup>

Os Batistas Regulares defendem a crença de que suas raízes históricas estão fincadas nas práticas bíblicas do Novo Testamento, porém, pelo que tudo indica, elas derivam-se do ramo batista que apareceu no cenário religioso do cristianismo, na primeira metade do século XVII, a partir dos movimentos separatistas da Inglaterra e em contato com o movimento da Reforma Radical em curso na Europa Continental.

No discurso dos principais teólogos do movimento batista, dentre os quais Clarence Walker “os batistas são a mesma seita dos cristãos que antes foram descritas como anabatistas<sup>3</sup>. Realmente parece ter sido o seu princípio dominante desde o tempo de Tertuliano até o presente”. O professor H. Leon Mcbeth admite a teoria do surgimento dos batistas à influência dos anabatistas. Thomas Crosby, em sua obra “*História dos Batistas Ingleses*” e J. M. Carroll, no livro “*Rasto de Sangue*” defendem a teoria conhecida como Seqüência Ininterrupta, chamada como a teoria JJJ, uma alusão à tríade João Batista, Jordão e Jerusalém. De acordo com essa teoria, os batistas vêm de uma seqüência ininterrupta de grupos cristãos dissidentes da Igreja Católica Romana que, ao longo de toda a Idade Média, permaneceram separados da Igreja oficial e, apesar de adotar nomes diferentes, defendiam as principais doutrinas geralmente aceitas hoje por todos os batistas. Possivelmente, como

---

<sup>1</sup> Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2006, sob a orientação do professor Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.

<sup>2</sup> Pedagogo e Mestre em Ciências Sociais.

<sup>3</sup> Anabaptistas (re-batizadores, vem dos vocábulos grego: “Ana e Baptizo”; em alemão: “wiedertäufer”) foram os cristãos da chamada “ala radical” da Reforma Protestante. São assim chamados porque os convertidos eram batizados em idade adulta, até mesmo aqueles que já tivessem sido batizados quando criança. Os Anabatistas só consideravam o verdadeiro batismo quando as pessoas tinham se convertido conscientemente a Cristo. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/protestantismo>- Acesso em: 10/08/2005 às 14:29h).

não há evidência documentada para defender as duas teorias anteriores, esse discurso reveste-se de caráter fundante para a constituição mítica do grupo. No entanto, pode ser mais plausível relatar que os batistas historicamente vieram do separatismo inglês provocado por Henrique VIII, quando resolveu romper com a Igreja Católica Romana. Essa reforma promovida pelo rei assumiu um caráter político em função de que o controle de muitas propriedades por parte da Igreja Romana e os impostos papais enviados para Roma faziam frente com os interesses do reino inglês. Por esta razão, a reforma na Inglaterra começou como um movimento político, prosseguiu como um movimento religioso, terminando no governo da rainha Elisabeth, em meados do século XVI. Devido à enorme extensão da colonização britânica, ela se expandiu por todo o mundo. No contexto dessa reforma, o rei Henrique VIII fez nascer a Igreja Anglicana, da qual surgiram dois grupos dissidentes, os puritanos e os separatistas. O primeiro pretendia purificar a igreja da Inglaterra de seus “males”. Estes aceitavam a doutrina oficial da Igreja Anglicana, mas não toleravam as pompas, cerimônias e o relaxamento dos costumes. Adotavam uma forma rígida de cristianismo que a alegre corte de Londres não podia suportar.

Já os separatistas, que também não estavam satisfeitos com a igreja, queriam ter igrejas independentes do Estado e cultuar a Deus com liberdade. Então, por não conseguirem tais mudanças, emigraram para Amsterdã, na Holanda. Foram liderados por John Smyth em 1607, quando na ocasião receberam forte influência dos anabatistas. Os anabatistas possivelmente surgiram na Alemanha e na Suíça, na segunda metade do século XVI, depois se espalharam pela Europa, como a Itália, Holanda, Moravia e Inglaterra.

Em 1611, Thomas Helwys e mais dez companheiros da congregação independente de Smyth voltaram para Inglaterra e organizaram a primeira Igreja Batista na Inglaterra, num lugar chamado Spitalfields, perto de Londres. Com o crescimento numérico do agrupamento batista, surgiram novas igrejas que foram chamadas de Batistas Gerais, devido a sua doutrina que sustentava uma expiação geral para todos os homens. A trajetória histórica do cristianismo dos batistas demonstra a paixão batista pela liberdade através de seus líderes como Thomas Helwys que “advogava explicitamente a completa liberdade

religiosa, não somente para seu próprio grupo religioso, minoritário na época, mas para todos os demais, inclusive os não-cristãos e os ateus” (SHURDEN, 2005: p. 12). Esse entendimento sobre a liberdade religiosa como sendo uma das principais motivações da fundação dos batistas ajuda a compreender os batistas da atualidade como um cristianismo com suas diversidades de interpretações e divisionismos.

A paixão batista pela liberdade é uma das principais razões pelas quais há tanta diversidade na vida batista. Os batistas divergem, e suas diferenças são freqüentemente amplas e profundas. Mas isso sempre foi assim. Já no princípio da vida batista, na Inglaterra do século XVII, por exemplo, os batistas surgiram como dois grupos teológicos separados e bastante distintos, chamados Batistas Gerais e Batistas Particulares (SHURDEN, 2005, p. 18).

Segundo o pensamento de Walter Shurden, o papel do povo batista está fundamentado em quatro liberdades: a liberdade da Bíblia, ou seja, ela é o parâmetro central da vida do indivíduo e da igreja. Sendo que cada indivíduo é livre para estudar e obedecer a Escritura; a liberdade individual em que cada pessoa é livre para se relacionar com Deus sem a imposição de credos, cleros ou governo civil; a liberdade da igreja, entendida como uma liberdade para organizar seus trabalhos sem imposição de uma ordem superior e a liberdade religiosa, compreendida como a separação da Igreja do Estado, princípio fundamentado nas palavras de Jesus Cristo: “Daí, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21).

Pregando na escadaria leste do edifício do Congresso Americano, em 16 de maio de 1920, Truett disse que a palavra de Jesus sobre dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus foi uma das mais revolucionárias e historicamente transformadoras declarações ditas pelos seus lábios divinos. Aquela declaração, disse Truett, de uma vez por todas marcou o divórcio entre Igreja e o Estado. Ele falou da necessidade de que a doutrina de uma igreja livre num estado livre tenha aceitação universal (SHURDEN, 2005, p. 62).

A herança batista de liberdade religiosa assume um caráter diferenciado da tolerância religiosa que é apenas uma concessão. A liberdade religiosa defendida pelos batistas oferece o direito ao outro de crer ou não crer. Embora não concorde com outros credos religiosos e até não simpatizem. Esse grupo essencialmente é contrário a todas as formas de coerção ou perseguição religiosa.

Em 1633, houve uma cisão nas igrejas Batistas da Inglaterra, quando se formou um grupo separado que recebeu o nome de Batistas Particulares, pois, diferentemente dos Batistas Gerais, acreditavam que a salvação era exclusivamente para os eleitos por Deus. Somente depois de muitos anos, em 1891, esses grupos se uniram. Já aqui se faz presente o espírito da modernidade que não aceita a convivência de teorias divergentes sob o mesmo teto.

Apesar das mudanças promovidas pela transição da pré-modernidade para modernidade, a Europa no início do século XVI ainda sofria com a intolerância religiosa, fato esse que contribuiu para os batistas chegarem no início do século XVII em solo norte-americano. Presumivelmente em março de 1639, com onze membros fundadores foi organizada a primeira Igreja Batista no atual Estado Rhode Island por Roger Willians, um britânico emigrado para América do Norte, foi o principal responsável pelo estabelecimento das Igrejas Batistas nos Estados Unidos.

No final do século XVII e começo do XVIII, existia uma longa cadeia de colônias britânicas na América do Norte que foram fundadas, em parte, por motivos religiosos. Essas parecem que tentaram adotar a liberdade de consciência como alternativa viável à intolerância religiosa que tanto sangue havia custado na Europa. Através do século XVII, os batistas foram severamente perseguidos em todas as colônias na Nova Inglaterra, com exceção de *Rhode Island* que havia liberdade religiosa. Essas perseguições incluíram prisões, multas, açoites ou deportação. A causa da perseguição dos batistas foi devido a sua insistência na liberdade da consciência, separação completa da igreja do Estado e a rejeição do batismo infantil. Além disso, fatores como o regime escravista, as grandes plantações e a exportação dos índios ofuscaram o fervor religioso do protestantismo colonial. Devido a esse esfriamento, a partir de 1734 surgiu um movimento chamado de “Grande Avivamento”, que em sua fase inicial foi promovido pelo pastor congregacionalista Jonatham Edwards, formado com 17 anos pela Universidade de Yale em 1720. Sua pregação influenciou os estados de Massachusetts e Connecticut. Quatro anos depois George Whitefield promoveu o “avivamento” em outros estados. Edwards, Whitefield e alguns presbiterianos pregavam com um novo brio em suas próprias igrejas, mostrando a

necessidade de uma experiência pessoal de conversão. Pecadores se arrependiam de seus pecados em meio a lágrimas e gritos de entusiasmos por receberem o perdão de seus pecados. Eram experiências que davam um novo sentido ao culto e à doutrina cristã.

Muitos presbiterianos e congregacionalista que tinham sido levados pelo “avivamento” acabaram por negar o batismo de criança tornando-se batistas. Devido ao espírito do “grande avivamento” os Batistas e Metodistas passaram a ser os mais numerosos nas treze colônias americanas. Possivelmente, esse movimento contribuiu para a criação de um sentimento comum entre as colônias que, aliado a uma série de mudanças políticas na Europa e nos interesses da pujante burguesia, impulsionou os delegados das treze colônias a decidirem, no congresso continental em Filadélfia, proclamar sua independência da coroa britânica, em 4 de julho de 1776.

No fim do século XVIII e durante o século XIX, desencadeou-se uma grande onda imigratória da Europa para os Estados Unidos. Isso aconteceu devido às guerras napoleônicas, às convulsões sociais causadas pela industrialização, à tirania de alguns regimes e à disponibilidade das grandes extensões de terra ao ocidente da nova nação. Assim, a nação norte-americana recebeu imigrantes de vários credos religiosos: católicos, luteranos, menonitas, morávios, husitas, ortodoxos gregos e russos, etc. Todos fizeram parte do complicadíssimo caleidoscópio religioso dos Estados Unidos. O século XIX foi também marcado pela atitude de pessoas que se opunham à imigração ilimitada de católicos, alegando que a democracia norte-americana de origem protestante era incompatível com o catolicismo romano.

A Convenção Batista do Norte era uma das maiores representações do protestantismo norte-americano. Pautados pelo escopo doutrinário legado pelo fundamentalismo cristão do início do século XX, os batistas convencionais não estavam preparados para as novas configurações que o cenário religioso apontava na Europa e influenciava diretamente as crenças essenciais defendidas pelos convencionais, especialmente a chamada ala mais tradicional.

Para o norte-americano Robert Delney:

A Convenção do Norte em 1922 precisava de uma declaração doutrinária. O materialismo, racionalismo, pietismo, criticismo da

Bíblia e o evolucionismo foram idéias que penetraram na Convenção. Em 1925 muitos batistas não aceitaram essas idéias e tentaram modificar o quadro que ameaçava os fundamentos essenciais da fé cristã. Depois de muitos debates, colocamos em votação a proposta para expulsar os liberais de nosso meio e perdemos de 740 a 560 votos. Então saímos da Convenção e organizamos uma nova associação. (Informação obtida em entrevista realizada no dia 08/07/2003).

A nova associação de que falou Robert Delney recebeu o nome de Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares. Assim, “o nome regular apareceu no contexto histórico como sinônimo de conservador em suas doutrinas e práticas” (LIMA, 1997, p 27). Então, poderemos sugerir que o termo regular designa um grupo de igrejas Batistas que se separaram da Convenção Batista do Norte dos Estados Unidos, em 1932. A formação da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares aconteceu na Igreja Batista de Belden Avenue, Chicago, com a presença de 34 representantes de oito estados. Harry G. Hamilton, pastor da primeira Igreja Batista de Buffalo, Nova York, foi eleito presidente da Associação. Em 1950, as organizações aprovadas pela associação eram: Associação Batista para Evangelização Mundial (ABWE); o Concílio Geral das Missões Batistas Cooperativas da América do Norte (MID-MISSIONS); Missões Cristãs Batistas; Missões Batistas Independentes da Terra de Hiawatha e a Sociedade Batista para Missões Nacionais. Em 1950, já havia 567 igrejas afiliadas à Associação com um total de mais de 97.000 membros. Havia oitocentos missionários no campo estrangeiro que vieram dos membros destas igrejas associadas. As ofertas missionárias, em 1949, chegaram a US\$ 1.737.027. Em 1962, já existiam mais de mil igrejas afiliadas à Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares.

Em 1860 Thomas Jefferson Bowem, missionário enviado ao Brasil pela Junta de Richmond, associação de igrejas Batistas do Sul dos Estados Unidos, aportou na cidade do Rio de Janeiro. Porém foi impedido pelas autoridades de propagar a doutrina Batista no Brasil. Então Bowen acabou ficando no país por apenas nove meses. Com a Guerra de Secessão (1859-1865) entre os estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos, milhares de imigrantes americanos vieram para o Brasil, estabelecendo principalmente em Santa Bárbara D'Oeste, Piracicaba e Americana, no interior paulista.

Depois de várias tentativas de implantarem o cristianismo evangélico em solo brasileiro, em 1871, em Santa Bárbara, São Paulo, foi fundada a 1ª Igreja Batista entre os americanos. Somente em 1882, no dia 15 de outubro, aconteceu a organização da primeira igreja Batista voltada para os brasileiros, localizada na rua Maciel de Baixo,<sup>43</sup> no centro de Salvador, cidade que tinha seus 250 mil habitantes, a segunda cidade do Brasil em população. A Igreja foi fundada pelos missionários William Bagby e Zacarias Taylor e o ex-padre católico Antônio Teixeira de Albuquerque que tinham chegado à Bahia, no dia 31 de agosto de 1882, com suas famílias.

Os primeiros evangélicos no Rio Grande do Norte a fundarem uma igreja foram os presbiterianos, em 1885, em Mossoró. Depois vieram os batistas, que em 1896 iniciaram uma Igreja Batista em Natal, que só se manteve por 10 anos. Essa Igreja se reorganizou no dia 13 de maio de 1919 como a 1ª Igreja Batista de Natal. Depois vieram “a Segunda Igreja Batista do Natal, em 1933; a Primeira Igreja Batista de Mossoró, em 1944; a Igreja Batista de Nova Cruz, em 1947 e a Igreja Batista de Parnamirim, em 1948<sup>4</sup>. Somente em 14 de abril de 1949 foi organizada a Convenção Batista Norte Rio Grandense, em Natal<sup>5</sup>. Essa Convenção hoje conta com 70 igrejas espalhadas em solo potiguar. Além dos Batistas da Convenção também apareceram em solo potiguar os Batistas Independentes e os Batistas do Sétimo Dia nas décadas de 40 e 50. Em 1938, chegaram ao Rio Grande do Norte os Batistas Regulares. Eram liderados pelo reverendo Carl F. Matthews, da “*Gospel Furtherance Band Inc*” de Appleton, Nova York.

Tivemos a oportunidade de entrevistar Ricardo Mateus, filho do casal de missionários fundadores, o qual nos contou que:

Meus pais vieram para o Brasil em 1932 para o estado da Paraíba. Em 1933 ou 34 mudaram-se para Maranguape, Ceará. Depois de terem ido para os Estados Unidos voltaram para São José do Mipibu em 1938, onde a primeira igreja de nossa associação (Associação de Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte) foi estabelecida em 1939. No início da construção da base aérea em Parnamirim, o governo americano pôs pressão sobre ele para ser o intérprete principal e organizar os escritórios na base. Ele trabalhou ali por seis anos. O Senhor

---

<sup>4</sup> Informação obtida do livro: Mensageiro da Convenção Batista Norte Rio Grandense, p. 251.

<sup>5</sup> Informação obtida na ata de fundação da Convenção Batista Norte Rio Grandense, de 14/04/1949.

usou isso para a divulgação do Evangelho no estado e outros lugares no Brasil (Ricardo Mateus, filho de Carl Matheus, em depoimento exclusivo para essa pesquisa em 08/01/2005).

A Igreja Batista de São José do Mipibu foi organizada no dia 30 de setembro de 1939. Na ocasião, recebeu o nome de Igreja Batista Independente, e não Batista Regular. Somente em 1944, quando o casal Adelaide e Carl Matthews ingressou na *Association Of Baptists For Word Evangelism* (ABWE), a igreja recebeu o nome de Batista Regular. O termo regular, no seu sentido etimológico, é uma palavra que vem do latim “regulare”. O dicionário Aurélio B. de Holanda Ferreira expressa o seu significado básico como: “conforme às leis, às normas, às regras, às praxes”. Já o significado histórico da palavra regular surgiu entre os holandeses em Nova Jersey em reação ao “grande avivamento,” de 1726, nos Estados Unidos. Esse movimento era caracterizado pelos elementos “sensacionalistas e carismáticos”, os novos ritos e novas configurações usados por George Whitefield, um metodista calvinista inglês, e por Jonathan Edwards, um pastor congregacional avivalista. Assim, as Igrejas Batistas que não deram apoio ao movimento avivalista foram denominadas de “regulares” ou “velhas luzes”.

As conseqüências dos investimentos no envio de missionários para propagação dos credos do protestantismo norte-americano resultaram na instalação de várias igrejas no Brasil e, conseqüentemente, em solo potiguar, como os Batistas Regulares que estão presentes na sociedade através de suas 58 igrejas distribuídas em 40 municípios dos 167 do Estado.

Além das igrejas, os Batistas Regulares contam com a escola teológica Seminário Instituto Batista Bereiano (SIBB), a Casa de Assistência aos Dependentes de Drogas (CAEDD), os acampamentos Elim e Momentos de Paz, a Associação Feminina, a Associação Missionária Evangélica Nacional (AMÉN), o ministério com crianças de rua e o apoio das missões estrangeiras: *Association of Baptists for Word Evangelism* (ABWE), *Baptists Mid-Missions* (MID-MISSIONS) e a Missão Evangélica Amazonas (MEA). Essas entidades são afiliadas a Associação de Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte (AIBRERN).

A forte ênfase conservadora dos Regulares ocorre devido ao conservadorismo teológico que surgiu no início do século XX. Os Batistas Regulares do Rio Grande do Norte estão alicerçados e realimentados sob os princípios doutrinários do Fundamentalismo Cristão que surgiu no início do século XX.

O desafio que na atualidade parece se impor para os que se intitulam fundamentalistas é o de uma reforma no Fundamentalismo. Talvez, primeiramente com uma reforma no sentido de um retorno aos fundamentos. De modo que a verdade desse agrupamento possa ser defendida com fineza, bom senso e misericórdia, sem confundir as idiossincrasias com um tipo de fundamentalismo que se pretende praticar. Possivelmente, para isso acontecer seria necessária a adoção de uma postura dinâmica, comunitária e integralizadora. Além disso, é preciso uma abertura para o diálogo e uma revisão profunda de suas convicções cerradas, excludentes e ainda dependentes do iluminismo, visando negociar até o limite da razoabilidade de modo que o reconhecimento do outro e seu direito de existir possam contribuir para, no mínimo, uma convivência civilizada em meio à diversidade.

Além disso, talvez o máximo que podemos refletir e compreender sobre o fundamentalismo cristão é de que hoje represente uma forma de expressão do discurso religioso adaptado do cristianismo ao iluminismo, tornando-se uma forte expressão da modernidade. Em outras palavras, resgatar a alta complexidade da religiosidade fundamental.

O fundamentalismo é expressão da própria Modernidade. A própria modernidade criou fundamentalismos, como a crença no fim da religião, no progresso da história... O fundamentalismo não é mero tradicionalismo ou antimodernismo. Seja permitido um trocadilho: ele é um antimodernismo moderno (DREHER, 2002, p. 87).

Conseqüentemente, o fundamentalismo cristão coloca a segurança e a certeza em primeiro lugar e condena tudo o que solapa essa certeza, presumivelmente considerada uma certeza cartesiana. Também podemos observar uma atitude ambígua que os fundamentalistas detêm em relação à modernidade, “pois se de um lado rejeitam alguns dos seus valores, como liberalismo, o pluralismo, o progressismo e o secularismo, do outro apresenta traços modernistas como o individualismo e o acesso às conquistas

tecnológicas” (ALVES, 2005, p. 199). Possivelmente os Batistas Regulares que têm suas premissas pousadas no fundamentalismo cristão expressem em certo sentido um discurso religioso da modernidade através da opção de utilizar uma linha de interpretação das Escrituras histórico-literal-gramatical que diretamente entra em sintonia com o pensamento científico do século XIX. “No final do século XIX, ciência e racionalismo estavam na ordem do dia, a religião tinha de ser racional para ser levada a sério” (ARMSTRONG, 2001, p. 166).

O fundamentalismo protestante de modo amplo acaba sendo oportunista, no sentido de que a humanidade caminha de modo desorientado, cambaleando, sem um projeto que tente apontar para resolução do caos planetário estabelecido. Apropriando-se de um mundo que aparentemente está à deriva, o fundamentalismo cristão transmite aos seus fiéis a sensação de estar seguro, abrigado e certo do futuro. Por um lado apresenta-se como uma opção de salvação e por outro aparenta uma certa recusa ao enfrentar os dilemas de nosso tempo.

A situação pluralista ligada à secularização<sup>6</sup> mergulha, de uma certa forma, o fundamentalismo cristão numa crise de credibilidade e faz com que fique mais difícil manter ou construir uma nova estrutura de plausibilidade para esse movimento. Entretanto, isso não quer dizer que o fundamentalismo cristão está fadado ao fracasso ou desaparecimento.

Segundo o pensamento de Peter Berger, a situação pluralista oferece as instituições religiosas duas opções ideais típicas: acomodar-se à situação, ou seja, modificar o produto de acordo com o consumidor ou recusar-se a se acomodar ao entrincheirar-se atrás de quaisquer estruturas socioreligiosas que possam manter ou construir e continuar a professar as velhas objetividades tanto quanto possível, como se nada tivesse acontecido. A segunda opção parece a que mais tem sido acolhida pelos Batistas Regulares do Rio Grande do Norte.

Portanto, demonstramos a hipótese de que esse novo momento histórico aliado à crise de plausibilidade dos agrupamentos religiosos, provocado pelo espírito Pós-Modernista, direciona os Batistas Regulares a adaptar-se às novas configurações na sua práxis da espiritualidade. Também

---

<sup>6</sup> Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos (BERGER, 1985, p. 119).

entendemos que esse grupo por representar uma expressão da modernidade adota uma fixidez prática doutrinária que diferencia do eixo da estratégia de vida pós-moderna que tem como pressuposto não fazer com que as práticas religiosas se fixem. Entendemos por espiritualidade os valores e crenças de uma doutrina que mostra como deve ser o comportamento na vida diária. “Espiritualidade é na maior parte das vezes freqüentemente descrita experimentalmente em termos de fé em um Deus ou poder superior” (MOBERG, 2001, p 1).